

# O TEMPO

Anno I

Publicação bimensal

Numero 2

ASSIGNATURA  
Capital: . . . . . Rs. 5,000  
Pagamento adiantado

S. PAULO, 31 de Outubro de 1897

ASSIGNATURA  
Interior: Anno . . . . . Rs. 6,000  
Numero avulso 100 reis



## Expediente

Proprietarios: DIAS, PRADO & C

Toda a correspondencia deve ser dirigida à  
RUA DE S. BENTO. 43

—«»—

A redacção dá liberdade de pensamento mas não se responsabilisa pelos artigos de seus colaboradores.

## A nossa posição

Publicamos hoje o segundo numero d'O Tempo, penhoradissimo com o acolhimento que nos fizeram os nossos amaveis leitores. As referencias honrosas que alguns orgãos da imprensa dispensaram a nossa folha, constituem para nós poderoso incentivo e nos são motivos de immensa gratidão. Arrjamos-nos à lucta impellidos, não por vis interesses, mas sim pela grandiosidade de uma causa sagrada, qual a de censurar os erros dos que sopesam nas mãos as redeas do governo. Sustentaremos a nossa posição, porque estamos persuadidos de que ella se acha no terreno da integridade. Horrivelmente caliginosa, alarga-se-nos diante a senda do futuro: que será? Ninguem o sabe. Voltamos um olhar ao passado desta nossa Republica (?); quanto sangue derramado em tão curto espaço de tempo; quanta nodoa cahida sobre a bandeira da nação.

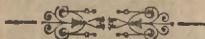
Está terminada a guerra nos sertões da Bahia; já não existem monarchistas no antro dos fanaticos: o exercito cobriu de gloria o pavilhão nacional, carbonisando a kerosene homens inermes e famintos. Soldado houve que, com as mesmas armas a elle confiadas pela Republica, a fim de que a defendesse nos campos de batalha, assassinou creancinhas innocentes. Foi mais uma pagina ignominiosa que se lavrou da his-

toria patria. No momento actual trata-se de eleger o supremo magistrado da nação.

Nós estamos na expectativa do que irá ahi pelas urnas, onde nunca a liberdade achou abrigo visto como ellas são o dominio da violencia. Só um homem energico, integro; só um talento superior poderá levantar a patria brasileira desse lethargo em que jaz, quasi que indifferente aos actos dos que a governam. Embora ignoremos onde exista esse homem, não desesperamos.

O Brazil ha de erguer-se mais forte e glorioso que nunca, porque ainda encerra em seu seio o germen de gerações illus res.

Passará o tufão do despotismo; a oligarchia, combalida pelos proprios vicios, ha de cahir e de suas cinzas conspurcadas resurgirá a Liberdade.



## DE RELANCE

A republica — governo do povo pelo povo — é uma forma de governo como qualquer outra e, como tal, tanto pôde fazer a felicidade dos povos, como a sua desgraça. cumprindo porem, notar — por motivos que deixamos de estudar hoje, que, em geral os paizes regidos por esse systema tem sido, quasi todos infelizes. Só conhecemos uma excepção — a Suissa. As outras republicas — a França e os Estados Unidos do Norte, estão, como sabemos, anarchizadas e desmoralizados pela corrupção de seu governo.

Deixamos de parte o nosso Brazil que como as suas irmans sul-americanas, está abaixo da Cafraria.

Desgraça do paiz!

E o povo, deixando-se arrastar por phrases campanulas — varias de sentido — ahi está — não a applaudir, mas a assistir, de braços cruzados o desmo-

ronar das suas glorias, da prosperidade da sua riqueza.

Sua alma, sua palma.



A grande alavanca que faz prosperar um paiz, e consequentemente um povo, é a instrucção popular, disseminada em profusão, gratuita e obrigatoriamente por todas as camadas sociaes. No nosso paiz, o maior empenho dos governantes, é construir bellos predios, pouco se lhe dando da anarchia que reina no ensino.



O Brazil se estorce lentamente em derradeira agonia. Os homens da actualidade responsabilizam os sebastianistas, por todas as desaverças e descreditos que alvieram à nossa terra.

A Republica, para a môr parte dos republicanos sinceros foi uma desillusão.

Haja vista o venerando Saldanha Maranhão, que, obedecendo ao grito de sua consciencia e à vista da desorientação dos therões de 15 de Novembro, confessou da cadeira do senado, que todo o seu sonho politico desfez-se como uma illusão!

E o velho patriarcha exclama que não é esta a Republica que queria, pois desejava uma republica, não ideal, mas, pelo menos, viavel; e em lugar deste sonho favorito surge-lhe este monstro disforme e impossivel! O coração deste grande patriota transbordou de desgostos e tristeza ao contemplar a infelicidade de sua patria.



Percebemos...

O nihilismo, que para não poucos é uma aberração social, uma criação monstruosa de cerebros doentes e destruidores, é, entretanto, em occasião dada, uma necessidade para a salvação publica, uma como valvula por onde podem os opprimidos e os fracos res-

pirar um pouco de liberdade, seja-lhes necessario muito em tôra, para isso pisar sobre o cadaver de seus algozes.

A oppressão, a tyrannia, só pô le ser tolerada por um povo boçal, ignorante inteiramente de seus direitos e de sua força. Um povo civilizado não a supporta, não a admite senão pelo espaço de tempo estrictamente necessario para organizar resistencia e destruir, á luz do sol ou sob asombras da noite, a machina infernal que rouba-lhe a liberdade e mata-lhe a aspiração.

A logica moderna, de que faz uso um povo escravizado e perseguido é a do dynamite, do kerozene. Para os governos immanes e despoticos, que consentem na criação de infelizes crianças e mulheres de «jacuço» inermes, só o emprego da força material, destruidora e «convincente».

Não, não podemos abafar a voz da indignação, que clama, estolida, contra a fereza inaudita de nossos soldados, que reduziram a cizas nossos proprios irmãos.



Desgraçados tempos, em que o cidadão brasileiro perdeu a sagrada noção da honra e do dever, da dignidade e do brio.

Tudo lhe serve — com tanto que a sua vaidade pretenciosa e estúpida seja satisfeita.

Os bellos exemplos dos nossos antepassados, desses valentes e aulazes espartanos que tanto sangue verteram para nos legar uma patria digna de si e do mundo, foram todos perdidos e dir-se-ia que acintosamente despresados por aquelles que têm dirigido os altos destinos do piz.

Os nossos avoengos, é certo, desconheciam o vapor e a electricidade, a imprensa e as cartas anonymas; mas prezavam a palavra e divinavam a honra, — coisa que nós outros, filhos do seculo XIX, do seculo das luzes, e mui proximo do das illumanarias, ignoramos completamente.

A «legalidade» ainda não havia sido inventada pelos traficantes politicos, mas em compensação havia brio — e brio comprehendido na verdadeira accepção do termo.

Épocas diversas, homens diversos.

O nihilismo é uma necessidade, na Russia, como em qualquer parte onde os poderes publicos, esquecendo os altos

e sagrados deveres de que se acham investidos, tornam-se tyrannicos e oppressores, coarctando, cada vez mais, as liberdades individuaes e permittindo a insineração de homens, mulheres e crianças, vivos, como se deu nos decantados sertões da Bahia.

Infames, cojas entranhas são feitas de fel, odio e vingança.

#### AMERICANUS



### Achado

Um dos nossos amigos encontrou no Corvo a lista que abaixo publicamos.

#### GREMIO LITTERARIO J. R.

O mais calmo—Oscarlino Dias.  
O mais reflectido—Arnanho Prado.  
O mais justo—Ismel Contra.  
O mais engravatado—Mario Lascasa.  
O mais irritado—A. cendino R. zonde.  
O mais chopista—Anthero Martins.  
O mais grulha—Elmundo dos Santos.  
O mais palrador—Amanjós de Araujo.  
O mais alto—Aristides Pinheiro.  
O mais baixo—João Bloem.  
O mais nervoso—Plinio Ferreira.  
O mais poeta—Breves Junior.  
O mais sympathico—Plinio Barreto.  
O mais gibboso—João Pontes.  
O mais modesto—Alfredo Miranda.  
O mais litterato—Alcibiades P. za.  
O mais corado—Otaviano Vaz.  
O mais ruivo—Alvaro Silva.  
O mais pelullo—José G. nsalves.  
O mais subdelegué—Alcibiades d'Oliveira.

O mais imberbe—Oscar Moreira.  
O mais coherente—Ernesto Calandira.  
O mais cabuloso—Alfredo Pedrosa.  
O mais quutiliquê—Joel Ribeiro.  
O mais vermelho—Arthur Ravache.

Assignado CARAPOBEBA



### Dois dedos de prosa

Donzellas e donzeis.

De paixões virgem, socegada ainda, não tem meu coração que vir contar aos echos destes valles ás renhas destes montes, ás auras desta villa.

O Getulino pede a vossa benevolencia antes de proseguir na sua «prosa em verso».

No meo cantinho, Fastidiosa—  
Encolhinho O que estou vendo  
Mansinho e quedo, Vou descrevendo.

Bunindo o medo  
Do torpe mundo,  
Tão furibundo,  
Em tria prosa

Si de um quadrado  
Fzer um ovo  
Nisso dou provas  
De escriptor novo.

Nunca fui poeta, nem tenho tal pretensão. No entanto, como ha, presente, mente, uma epidemia d'elles, em sua honra, vou contar-vos uma historia mas... em verso.

Um velho demente  
Mimoso ratão  
Fiado em Cupido,  
Quiz ser Maganão.

Da cara deidade  
Trepando as escadas  
Com furia de bravo,  
Dá quatro palmadas

J. neiros sessenta  
Contava o pa'ôla,  
Com rugas na cara,  
Com ar de farçôla.

Lá corre a criada,  
Mulata faceira,  
De porte agradável,  
N. s. modos br. j. ira;

Gorducho e roliço,  
Qual porco catete;  
Cabeça de coco,  
Nariz de pivete,

E vendo o basbique  
A' mo la vestido,  
Exclama sorrindo:  
«Que lindo Cupido!»

De punça crescida  
Andar de garroto  
Franzido sob'olho,  
O bar de maroto:

«B. nita casaca,  
«Colla te bordado;  
«Chapêo de patente,  
«Cabello pintado!...

Cedendo á loucura,  
Que d'elle zombava  
A barba e cabello  
Cuido-o pintava.

«Vem tão bonitinho!  
«A' quem quer falar  
«-Co' a dona da casa  
«Des. j. tractar.»

Brunia os sapatos,  
O fato escovava;  
Na dextra grosseira  
Bengala empunhava

Abrem-se as portas,  
Entr'a o velnote;  
Qual de azeitonas,  
Grosso ancorote.

Se via á janella  
Mocinha dengosa;  
De lindo semblante  
E labios de rosa:

Eis chega a matrona  
Que a casa dirige;  
D'aquella visita  
A dona se affige.

Então, derretido,  
O velho lapuz,  
Saltava, gingava.  
Qual joven de truz.

Tambem vem com  
ella  
Formosa menina,  
De leuros cabellos,  
E face divina.

Se a bella formosa,  
Por mofa, sorria,  
O pobre do punça  
Alentos bebia

«Que ordenas, per-  
gunta,  
«Illustre Mancebo?»  
Estufa-se o lorpa,  
Cupido de sebo!

Assim pretencia  
E-pesa encontrar,  
Que a sua rabije  
Quizesse aturar.

Prepara a garganta  
Tomando postura,  
A' frente se põe  
Da prenda futura.

Eis chega-se o dia,  
De amor inspirado;  
Enfeita-se o asno,  
Assim preparado:

E qual orador,  
En pleno auditorio,  
O g. bas começa  
O seu palanfrorio:

Neste ponto o nosso heró faz umas

versarias que vão longe... No final diz elle:

O' Venus pudibunda, sem egual,  
A' teus pés aqui tens este animal,  
Sou velho, mas em tudo tão perfeito  
Que não conto, se quer, um só defeito!

E dirigindo-se à futura sogra:  
Agora tu, matrona ajuizada,  
Que pariste esta prenda delicada,  
Consente no casorio desejado,  
Não faças do *velhote* um desgraçado!

Netando a donzella Que o peço faizante Vencido de amores, Se fez um pedante;	Comgesto femineo Que a mente não trahc, Sorrindo, lhe disse: «A bençã pap.e!»
A'elle se chega, Com ar seductor, Que os peitos encan- ta Que mata de amor;	Depois prazenteira, A face voltando, Com garbo de fada Se foi ret rando!...

E ouvindo chalaça tão picante  
O avô de Saturno, delirante,  
Não ficou homem, não, mas mudo e  
quedo  
Qual junto de um penedo outro pe-  
nedo!

E, depois que sentiu-se cudilhado,  
Pela porta tomou, muito enfiado  
E aqui termina a historia.

I. E. DE GETULINO

### Club Litterario (Julio Ribeiro)

O artigo publicado por esta folha com a titulo acima, causou grande sensação entre os socios do Club. Não foi por despeito que escrevi esse artigo, nem tão pouco para abater a corporação de que fiz parte, mas sim com o exclusivo fim de moralisa-la.

A sessão de 17 do corrente foi a mais turbulenta que imaginar se possa; pois tratou-se de chamar à responsabilidade o humilde signatario destas linhas, auctor do artigo. Improperios violentos, confusão infernal e incoherencias, anarchia, desordem, eis o que foi a reunião de Domingo atrazado.

Continuo, porem, a affirmar tudo quanto escrevi, e um passo, siquèr, recuarei.

Pedi demissão de socio do Club e não m'a concederam, poré n, caros leitores,

e principalmente a vós, socios do Gremio Litterario J. R., declaro que o auctor do artigo, inserto no numero passado d'O Tempo, com o mesmo titulo que agora lhe serve de epigraphe não se rebaixa e dá-se por demittido depois do officio que dirigio ao Club.

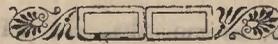
Pouco se me dá o ter sido injuriado, por ter dito a verdade com justiça.

Antes de terminar, devo agradecer aos dignos consocios e collegas que estiveram a meu lado e souberam reconhecer a verdade e a justiça das minhas accusações.

Conscio de que tenho cumprido o meu dever e seguido a rotina que me tracei, impavido arrostarei qualquer affronta que procure me achazar qualquer socio do Gremio.

Seguirei passo a passo o lenna que me impuz: Verdade e Justiça.

TAMOYO — I. C. —



### SONHANDO

—o—

O luar morbido e sereno, suavizando a escuridão da noite, vagava tremulo pelo ceu estrellado de novembro. O vento soprando constante e calmo, corria para todas as partes como que procurando um abrigo. O aspecto risonho da natureza parecia ter sido talhado para o consolo dos corações banhados nos ardentes soluços de uma paixão mal compensada. Um extenso campo, sumindo-se às nossas vistas, perdendo-se, por assim dizer, na amplidão, havia-se coberto de mil variedades de bellas flores, que se comprimiam nos verdes galhos, os quaes se encurvavam lambendo a terra. As papoulas e as açucenas de quando em quando, mimosas tremulavam, exhalando delicioso cheiro; as piadas lentas e medilas dos passaros nocturnos se faziam ouvir a cada passo junto a nós; soava o gemido longo e triste das aguas de um pequeno rio, que, desdobrando-se por entre as pedras de seu leito, ia conquistar a morte à grande distancia, chocando-se nas paredes solidas e lisas de um enorme antro que nunca se deixara beijar pela luz offascante e calida do sol, ou pelos raios pallidos e mornos de um bello luar..

A' pequena distancia, sobre um ta-

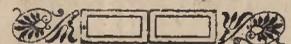
pete que a relva macia teçera, eu adormeci, laçando com o braço tremulo e medroso tua cintura fina e palpitante;— era Alcibiades envolto nos cabellos louros de Aspasia. Nessas delicias do sonho, quantas vezes não murchei meus labios seccos e ardentes com o intuito de roçá-las pelo teu rosto sublime;— era Jacob nas tempestades do amor procurando a existencia feliz em um beijo de Richel.

Quem me dera, oh Luiza, respirando o aroma saturado de uma atmosphera embriagadora, beber a vida n'um só beijo teu?

Sinonides de Ceos.

### AVISO

Pedimos às pessoas que receberem o nosso jornal e o não quizerem assignar, o obsequio de nos o devolverem.



### MOACYRA

—o—

Moacyra a virgem dos sertões, scismava e ao longe o sabiá quebrava o silencio da matta num threnô doloroso. Moacyra, cujos labios eram favos de mel, nascera alem dessas montanhas verde negras que se levantam no horizonte. Era bella como as estrellas do ceu, graciosa como as flores da selva. Já se passaram quinze luas depois que o ipé se cobriu de flores, e Itagybe não apparece; Moacyra vai morrer; e ella chorou sentidas lagrimas com a face pousada na mão.

Como era formosa assim a filha dos campos de Piratininga, com seus cabellos tão negros a cahirem-lhe pelas espaldas morenas! O sabiá respeitando a dor d'aquelle anjo selvagem, cessou o canto e as brisas da floresta estacaram na carreira; só a cachoeira rumorejava distante.

Pouco a pouco rompeu o silencio o canto de alguém que se aproximava. Como a rola, que de amorosa, ao ouvir na matta o companheiro que a chama, levanta o collo airoso e lá se vai arrulhando contente, assim Moacyra ergueu a formosa cabeça, e, num grito de alegria, Itagybe, Itagybe, largou a correr na direcção d'onde a voz partia.

Cahia a tarde e a araponga saudava o sol que se ia sumindo alem muito alem dessas montanhas cujos pincaros se elevam no horizonte. Moacyra chegara ao pé de alteroso jequititã.

—E' o canto de Itagybe; Moacyra é feliz, mais feliz que as aves da floresta.

A voz cessou e a india, arrancando do peito um suspiro de amor, respondeu num canto repassado de ternura. Surdiu enão d'entre os cipós o vulto altide um indigera: era formoso o chefe da nação carijó.

Moacyra!

Itagybe!... e um abraço uniu por longo tempo aquellas duas almas mais livres que os ventos do deserto.

A donzella fallou.

—Como a aveia que o sol seccou bebe a chuva que vem do ceu, assim a demora de Itagybe, meu senhor, ia consumindo a vida de Moacyra.

—Hoje, porém, Itagybe veio para levar a virgem que roubou seu coração.

—E si Pirahy não quizer que sua filha seja de Itagybe?

—A onça quando tem fome, rouba os filhos da veada; Itagybe sente amor, o amor é peor que a fome; Itagybe vae roubar Moacyra.

—E si Moacyra não quizer.

—Itagybe morrerá.

—Não; elle não ha de morrer porque Moacyra ama o guerreiro carijó; e a virgem lançou os braços ao redor do pescoc do indio, e beijou-o na bocca. Ao contacto daquelles labios ardentes; ao sentir junto ao peito o arfar daquelles seios opulentos, Itagybe estremeceu; servia-lhe o sangue nas arterias.

—Moacyra o collar de Itagybe augmentará, si houver ahi barbaço que se opponna a que a virgem guaranyas seja do guerreiro carijó! Está ahi a piroga de Itagybe e a lua já vae alta... Moacyra...

A donzella cahiu em si; duas grossas lagrimas que, timidamente rebentavam de seus olhos, corriam ao longo de suas faces que o gozo incendiara.

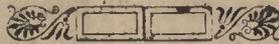
—Verdes campos de Piratininga, largas terras onde domina a poderosa nação guaranyas, adeus. O sabão já mais ouvirá o canto de Moacyra porque ella vae ser feliz com Itagybe.

Verdes campos onde campôa a taba de Pirahy, adeus.

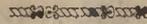
As arvores da floresta ramalharam despedindo-se de sua rainha.

A piroga, com um impulso vigoroso, ganhou o meio da corrente para logo sumir-se rio acima

A. P.



## Rosnam por ahi...



que a zanga do Primo arrefeceu

que o mesno está farto de coaxar

que está dando muito na vista os passeios que faz o Soquincas, em companhia do Shoracio, pela rua C. F.

que o Guincas quiz em I.ú passar por promotor publico

que alguem notou o seu empavezamento

que o Fessor tem feito muita viola

que, ao meio-dia, elle não dispensa uma caninha

que o Fatalista é casado

que o Sckiel é ruíinho

que o M.ão é dengoso

que o mesmo desconfia dos passeios repetidos de Sarmento P. pela Avenida Paulista

que o Ribeiro rapou o bigoda

que o mesmo tem cara de vigario de Sta. Ephigenia

que os seus contos andam por empinho

que breve sahirá o seu livro de contos

que o B. Xavier de Toledo é litterato

que o mesmo pretende ublicar um livro intitulado Maximas e Pensamentos

que causou sensação entre as *massas encephalicas* da multidão, o conto intitulado *O Galalanteador*. publicalo no jornal *O Annel*

que o Samanjô não desgosta o Frontão

que o Raul precisa tomar cuiado

que o mesmo, mentalo em bicycleta é um perigo

que o Zê Benedicto engrôssa

que o mesmo deve andar à lerta, do contrario, será reduzido a *cacos* pelo immortal Lavieri

que o Sorodrigo e que Sôvalle têm andar de nympha, mimosa, engraçada

que, Sônathanael é poeta

que o ex-408 não cumprimenta ninguem para não ensabar ainda mais o chapelete.

que o Pinto tem dado um sortão com o «Gôsto do só Gouveia...

que o Mario Lasca... está liscado de amores e com a espinhela cahida.

que os boias do Uleóa andão em guerra com a graxa.

que o mesmo, siconhecasse o Fretillant do Annel, agarra-lo-ia pelos gomillos. Cebolorio!

que o Freitas tem gasto o calçado nas calçadas da rua das Flores;

que o Chico Prestis é inimigo da navalha.

que a madama Messias anda de nariz torcido com o Melão.

que o Quim Ferreira gosta muito da prima.

que o Virginio, si continuaro, dará um bom dançariuo.

que o chapéu do Alceiza vae para o muscoo da *Vida de Hoje*

que as c. stelletas do Antherinho progridem de um modo assustador.

que o Mario Lasca vae ser dentista.

que o Pedrozinha deve pagar a bengala do Alciruge.

que a altura do Carloto Filho é desmesurada.

que o Planet é bulicçoso.

que o Josip tem feito *alguem* suspiras de saudades.

que são muito linguarudos os senhores.

*Abelhduo, Serrazina & C.*

## A nossa Estate

Recôbamos:—O Nalho, A Cecilia na, O Boi, O Estendarte, O Conselho, A Braza, V Annel, O Muncipe. Agradecidos, permutaremos.

## JACUNÇADA

O nosso collega *O Boi* cede meia columna a um arazoado, ou desarrazado do *Papiju*. O vento leva a caruzna: não procuramos saber quem seja o Apostelles hem o que sejam *scienias materiales*.

Nº 00648

ARQUIVO